



RESENHA/LIVRO

Como a mente funciona

Os mistérios representam aquilo para o qual não nos resta nada senão maravilha e estupefação, e não temos a menor ideia de como explicar / **por Sérgio Luiz Lugan Rizzon**



Quem poderá calcular a órbita da sua própria alma?

“As pessoas cujo desejo é unicamente o da auto realização, nunca sabem para onde se dirigem. Não podem saber. Numa das acepções da palavra, é obviamente necessário, como o oráculo grego afirmava, conhecermos-nos a nós próprios. É a primeira realização do conhecimento. Mas reconhecer que a alma de um homem é incognoscível é a maior proeza da sabedoria. O derradeiro mistério somos nós próprios. Depois de termos pesado o Sol e medido os passos da Lua e delineado minuciosamente os sete céus, estrela a estrela, restamos ainda nós próprios. Quem poderá calcular a órbita da sua própria alma?”¹

¹ Oscar Wilde, em *De profundis*.

A mente humana é objeto de estudo dos filósofos há muito tempo. Grandes nomes do Ocidente especularam sobre onde residiria a mente. Descartes² a separa do corpo físico, criando o que mais tarde chamariam de “o fantasma da máquina” atribuindo à glândula pineal a função de “*joystick*” da alma. Mais tarde, Espinoza³ a coloca como pertencente e inseparável do nosso corpo. Darwin⁴ propõe que a mente é uma “secreção” do cérebro tal qual o leite é secretado pelas glândulas mamárias. Freud⁵ utiliza-se da ideia de um sistema de fluidos para explicar a mente que flui, acumula e procura caminhos alternativos, feito um rio, o que até hoje rende as expressões que utilizamos corriqueiramente, como quando “ferveamos de raiva” ou ainda “extravasamos nossas emoções”. Noam Chomsky⁶ sugere que nossa ignorância pode ser dividida entre mistérios e problemas. Os mistérios representam aquilo para o qual não nos resta nada senão maravilha e estupefação, e não temos a menor ideia de como explicar. Já aquilo que, apesar de não termos respostas concretas, temos ideia do que seja ou uma intuição de como resolver, deixa o âmbito dos mistérios para integrar o âmbito dos problemas.

² René Descartes: filósofo, físico e matemático francês.

³ Baruch de Espinoza: um dos grandes racionalistas do século XVII dentro da chamada Filosofia Moderna, juntamente com René Descartes e Gottfried Leibniz.

⁴ Charles Robert Darwin: naturalista britânico que propôs a teoria da evolução das espécies.

⁵ Sigmund Freud: médico neurologista e criador da Psicanálise.

⁶ Linguista, filósofo e ativista político norte-americano, professor de Linguística no Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT).



Como a mente funciona

Idioma: Português

Editora: Companhia das letras, 1998

Assunto: Psicologia

Autor: Steven Pinker

Hoje é professor do Departamento de Psicologia em Harvard, onde se formou, e até 2003 foi diretor do Centro de Neurociência Cognitiva do MIT.

RAIO-X

Sérgio Luiz Lugan Rizzon

Coordenador de Desenvolvimento de Sistemas da Gerência de Tecnologia da Informação do Sesc, formado em Administração de Empresas, cursou Física e Filosofia, e atua na área de eletrônica e informática desde 1982.

Steven Pinker já na introdução de *Como a mente funciona* nos informa de que hoje os estudos da mente são classificados mais como problemas a serem resolvidos, do que como mistérios insondáveis. A obra discorre sobre a busca dos neurocientistas e psicólogos modernos – que se utilizam das teorias das ciências da computação e da teoria da evolução – para trazer luz a vários problemas.

O computador não é uma boa metáfora para a mente, assim como estudar o cérebro não é suficiente para explicá-la. A computação não é o computador em si, mas, sim, a relação entre os dados e a maneira com a qual eles são processados.

É interessante notar que quando utilizamos “mente” em uma mesma frase com “computação” nosso primeiro pensamento segue na direção das novelas de ficção científica, com robôs e andróides convivendo ou substituindo os seres humanos, ou ainda procurando destruí-los. Mas, nas páginas do livro de Pinker, podemos perceber o quão distante está essa tecnologia, e nos admirar com a complexidade da nossa própria mente.

Problemas cotidianos como andar equilibrando-se em duas pernas ou procurar uma fruta madura em uma árvore são tarefas simples para nossa mente, porém representam ainda desafios gigantes para a cibernética.

Outro ponto importante é diferenciar Inteligência de consciência. A inteligência artificial está muito mais próxima da nossa realidade do que a consciência artificial. A definição de inteligência, segundo Pinker, é a capacidade de atingir

objetivos diante de obstáculos, por meio de decisões baseadas em regras racionais. Hoje diversos autômatos, dentro de alguns limites, já esboçam esta inteligência. A consciência já é algo muito mais complicado.

Na obra *O relojoeiro cego*⁷, a metáfora que Richard Dawkins usa para os mecanismos da evolução é convertida por Pinker no “programador cego” para as questões da mente. Nossos programas mentais atuais funcionam bem pois permitem que nossos ancestrais exercessem domínio sobre o meio ambiente, garantindo sua sobrevivência e reprodução.

Além das habilidades motoras e visuais, a psicologia intuitiva e noções matemáticas básicas do tipo “entraram dois ursos na caverna, saiu um urso, é seguro entrar na caverna agora?” podem ser explicadas como obras desse “programador cego”.

No entanto, circunstâncias mais complexas como o comportamento do ser humano na sociedade moderna em situações de violência, opressão e submissão de gênero, discriminação de etnias – entre outras atitudes moralmente condenadas – podem receber explicações falaciosas utilizando o argumento evolucionário como justificativas. Por isso o entendimento do processo científico para determinar não só se uma teoria é verdadeira, mas, também, a sua implicação real dentro do contexto da sociedade torna-se fundamental.

“Se você der um martelo a um menino, o mundo todo se torna prego”; para Pinker este ditado demonstra a forma como nossas ferramentas

⁷ DAWKINS, Richard. *O relojoeiro cego*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

mentais moldam o nosso entendimento do mundo. Uma vez que temos em nossa mente ferramentas que se aprimoraram para resolver problemas de um passado de caça e coleta de alimentos, podemos entender o modo como lidamos com os problemas corriqueiros de uma sociedade moderna com organização e tecnologia sofisticadas.

Nossa mente foi moldada para inferir algumas condições de causa e efeito, graças a isso nos maravilhamos ao assistir a um show de magia quando o que é esperado não acontece. O cérebro foi feito para aptidão e não para a verdade, nos diz o autor.

Mas não somos simplesmente máquinas de andar, colher, comer e reproduzir. Afinal, por que gostamos de música? Por que existe a filosofia?

Qual a finalidade da arte? Por que procuramos sentido na vida?

Para estas questões as hipóteses ultrapassam a teoria da evolução e enveredam sobre a origem do prazer que sentimos na fruição e na construção da arte.

Estruturas básicas de catalogação, comparação e processamento que explicam como lidamos com a linguagem e a interpretação das imagens podem, segundo o autor, explicar como chegamos às equações matemáticas complexas que colocam astronautas em direção aos confins do sistema solar. Mas como é que no meio destes processos e engrenagens que compõem nossa mente emerge o “eu”?

Estaria nossa mente além da nossa compreensão conceitual? ☹